UNICAMP

P04.92

EVENTO: "TEXTO RETRATA VÍTIMAS DA CRISE NO BRASIL"

VEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULO

DATA: 13/09/96

PÁGINA: 4-3

SEÇÃO: ILUSTRADA

CDMC BrasilUnicamp

ÓPERA *"Café" só havia sido encenado antes como teatro e enfrentou problemas com a censura do regime militar*

Texto retrata vítimas da crise no Brasil

ANIVERSÁRIO

Produção comemora 450 anos de Santos

Espetáculo permanece em cartaz até domingo

da Reportagem Local

A ópera "Café" estréia como uma produção da Prefeitura Municipal de Santos. A cidade comemora 450 anos em 1996.

Não há, por enquanto, previsão de encenação em outra cidade.

A Orquestra Sinfônica Municipal de Santos estará sendo dirigida pelo maestro Luís Gustavo Petri, que dirigiu em 1987, em São Paulo, a Orquestra Sinfônica Jovem Municipal.

A cenografia é do veterano Gianni Ratto e a direção cênica de Fernando Peixoto.

O coral municipal tem como regente Roberto Martins, e os dois outros corais, o Zangalá e Faz de Canto, trazem, respectivamente, a direção de Geraldo Magela Marques e Maria Fernanda Marques.

Ainda na ficha técnica, os efeitos especiais são de Mário Márcio e os figurinos de Maria do Carmo Brandini.

O principal papel vocal, o da Mãe do Povo, estará sendo interpretado pela meio-soprano alemã Margarita Schack.

Ela é uma especialista no repertório contemporâneo, tendo interpretado Alban Berg, Pierre Boulez, Gilberto Mendes, Stockhausen e outros.

Para a montagem, foi criado o papel de Narrador, entregue ao ator Serafim Gonzalez.

Ópera: "Café", de Mário de Andrade, com música de H.S. Koellreutter
Onde: Teatro Municipal Brás Cubas, Santos
Quando: hoje, amanhã, às 21h, e domingo, às 18h
Ingressos: R$ 10,00 (informações pelo tel. 013-2326086)

Wilson Melo/Kronos

Ensaio da ópera "Café", de Mário de Andrade, com música de Koellreutter

da Reportagem Local

O Brasil de 1929 era sinônimo de cafeicultura. A economia brasileira foi duramente atingida pela depressão mundial nascida com o estouro da Bolsa de Nova York.

São justamente os efeitos da crise junto a suas maiores vítimas —a população— que Mário de Andrade procura retratar em "Café".

O texto foi esboçado pela primeira vez em 1933, mas o manuscrito definitivo só ficou pronto em dezembro de 1943. Sua publicação é bem mais tardia. Ocorreu em 1955.

Foi concebido como libreto de ópera. O primeiro projeto de musicalização partiu de Francisco Mignone. Outros compositores chegaram a discutir a idéia de uma partitura, mas, sem nenhum plano conclusivo, "Café" foi algumas vezes encenado como teatro.

Enfrentou problemas com a censura durante o regime militar. Mário de Andrade ridiculariza o oportunismo dos políticos, ataca interesses escusos e põe em cena um personagem coletivo —um plural de coros, como nas tragédias gregas— que se chama povo.

O libreto reflete a lógica do engajamento à esquerda, que se exprime por uma terminologia militante. Ela prevaleceu no Brasil durante o período de radicais polarizações, iniciado com a Revolução de 30 e concluído, em 1937, com o autoritarismo do Estado Novo.

No primeiro ato, trabalhadores do campo e da estiva —os que produzem e exportam o café— surgem famélicos e como as grandes vítimas da crise econômica.

No segundo ato, a cena da Câmara dos Deputados contrapõe os desvalidos com a retórica vazia de um aparato político controlado por oligarcas.

A designação de alguns dos personagens já é sintomática: Deputado do Som-Só, Deputadinho da Ferrugem, Deputado Cinza.

Surge então a Mãe do Povo, personagem meio mítica, portadora de uma verdade histórica que, no roteiro, tem como desfecho no terceiro ato uma revolução.

Com ela, o conjunto de coros —coletivos mais nítidos, em que se dividem os ex-explorados— se apropria do poder e passa a distribuir a riqueza que produz em conjunto. É o início de um grande sonho socialista.

A narrativa não é tão linear. Sucedem-se no enredo incidentes que subgrupos do grande personagem coletivo se encarregam de encarnar. Há, por exemplo, o Cânone das Assustadas, o Parlato do Rádio, o Coral Puríssimo e o Coral do Êxodo. **(JBN)**